

RUMOS DA INSERÇÃO DO BRASIL NA SOCIEDADE INFORMACIONAL

*Onildo Araújo da Silva**

*“Milhares de megabits
Abatendo a solidão
Com a graça de Bill Gates
Salve a globalização
Se o homem já foi à lua
Vai pegar o sol com a mão
Basta comprar um PC
Aprender o ABC da informatização”.*
(Zeca Baleiro)

RESUMO — *Esse artigo aborda a influência da gestação e consolidação da sociedade informacional para a organização do espaço geográfico num sentido amplo. Conceitua a sociedade informacional e a articula à idéia de espaço enquanto sistema de objetos e ações, destacando o Brasil nesse contexto de consolidação da sociedade em rede.*

PALAVRAS CHAVE: *Espaço, rede, sociedade informacional.*

1. INTRODUÇÃO

A constituição da sociedade informacional e sua articulação com o espaço geográfico, principalmente através da atuação do poder público, é o foco desse artigo. Defendemos que o Brasil é um país de base informacional, pois já utilizamos o conhecimento como fonte de geração de novos conhecimentos e como fonte primordial de produtividade. Discutimos também a articulação entre espaço e rede buscando demonstrar como na sociedade informacional as redes são fundamentais. Além disso, destacamos a inserção do Brasil no contexto da sociedade informacional a partir da generalização do uso do computador

* Doutor em Geografia. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-Mail: araujo@uefs.br.

e da Internet através da ideia chave, em várias escalas de atuação do poder público, de que é necessário popularizar o acesso, principalmente através da oferta de acesso gratuito à rede mundial de computadores.

Logo, a configuração do espaço geográfico, que é aqui concebido como conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações (SANTOS, 1996), é cada vez mais influenciada pela tecnologia da informação. Assim, articulamos os conceitos chave – espaço, rede e sociedade informacional – buscando demonstrar como, no Brasil, vivemos um processo de constituição de uma sociedade globalizada, onde o uso do computador e da Internet é fundamental e abertamente incentivado por ações do poder público em suas diversas escalas.

Ou seja, para pegar o sol com a mão, como afirma Zeca Baleiro, aqui no Brasil, basta ir a uma loja de departamentos e financiar um computador a preços e prazos inimagináveis há duas décadas atrás ou buscar um espaço público de acesso gratuito cada vez mais comum nos municípios brasileiros. Já para aprender o ABC da informatização o brasileiro usa a criatividade de sempre – o aprender fazendo –, de sorte que a ampliação do uso da informática é um caminho sem volta e com rebatimentos espaciais que não podemos negligenciar.

2. A AÇÃO DO PODER PÚBLICO E A SOCIEDADE INFORMACIONAL

Atualmente, o uso da informação e do conhecimento já é a principal fonte de riqueza e produtividade, estamos assistindo à construção de um novo modo de produzir a vida material, no qual a tecnologia informacional é aspecto central.

Entendemos que as sociedades se organizam em torno de modos de produção e modos de desenvolvimento específicos. Nos modos de desenvolvimento, predominam determinados instrumentos técnicos que, em conjunto, formam o aparato tecnológico social de determinada época e sociedade. Essa distinção permite-nos explicar como a sociedade muda, com muita intensidade, sem que o modo de produção hegemônico

transforme-se em outro radicalmente diferente. O modo de produção pode ser definido, segundo CASTELLS (1999), da seguinte forma:

O produto do processo produtivo é usado pela sociedade de duas formas: consumo e excedente. As estruturas sociais interagem com os processos produtivos determinando as regras para a apropriação, distribuição e uso do excedente. Essas regras constituem os modos de produção, e esses modos definem as relações sociais de produção, determinando a existência de classes sociais, constituídas como tais mediante sua prática histórica. O princípio estrutural de apropriação e controle do excedente caracteriza o modo de produção. No século XX temos, essencialmente, dois modos predominantes de produção: o capitalismo e o estatismo (p. 34).

Portanto, o que caracteriza o modo de produção é o princípio estrutural de apropriação e controle do excedente. Os modos de desenvolvimento são os procedimentos utilizados por trabalhadores que atuam sobre a matéria para gerar o produto, com o uso de procedimentos específicos que o caracterizam. Ainda segundo CASTELLS (1999):

Cada modo de desenvolvimento tem, também, um princípio de desempenho estruturalmente determinado que serve de base para a organização dos processos tecnológicos: o industrialismo é voltado para o crescimento da economia, isto é, para a maximização da produção; o informacionalismo visa o desenvolvimento tecnológico, ou seja, a acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento da informação (p. 35).

Em última análise, o modo de desenvolvimento determina o nível e a qualidade do excedente, sendo definido pelo elemento fundamental à promoção da produtividade, no processo produtivo. Dessa forma, o mesmo modo de produção pode gerar diferentes modos de desenvolvimento que, ao longo da história,

condicionam organizações sociais distintas.

A história da sociedade ocidental moderna, por exemplo, é marcada por sucessivos modos de produção. Sua organização social vem se mostrando mutável ao longo dos séculos, desde os gregos antigos, passando pela produção escravista, pelo modo feudal até o capitalismo e estatismo contemporâneos, tendo grandes momentos revolucionários: a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra, a Revolução Francesa e a Revolução Russa de 1917.

Esses movimentos que contestaram a ordem estabelecida criaram as condições para o surgimento de novas maneiras de organizar a sociedade europeia, principalmente a polarização capitalismo x socialismo. No entanto, o projeto capitalista torna-se hegemônico a partir do colapso soviético. Nesse processo o capitalismo ocidental amplia-se e o modelo de sociedade predominante na Europa, é imposto aos povos da América, África e Ásia, fundamentalmente a partir do fim das ditaduras militares e do neocolonialismo.

Assim, segundo Castells (1999), no mundo atual, predominam dois modos específicos de produção: capitalismo e estatismo; e dois modos de desenvolvimento: industrialismo e informacionalismo.

O capitalismo se consolidou com a revolução da burguesia europeia e o fim do feudalismo. Na base de sua organização está a propriedade privada dos meios de produção, o mercado e o lucro. O estatismo surgiu com a Revolução Russa de 1917, que se propôs a constituir-se como revolução do proletariado e se autodenominou socialista e executora das idéias de autores marxistas. Nessa base está a ideia de apropriação coletiva dos meios de produção e planejamento estatal, daquilo que é socialmente produzido.

Porém, capitalismo e estatismo trilharam caminhos diferenciados no que se refere aos modos de desenvolvimento e estamos, nesse início de século, recontando a história desses modos de produção. O estatismo, principalmente depois do colapso soviético, demonstrou profunda incapacidade de reestruturar-se. Isso ocorreu, em parte, em função da não transformação do seu modo de desenvolvimento, de industrialismo

para informacionalismo, e a conseqüente falta de incorporação, nos processos produtivos, de uma nova geração de tecnologia, além da manutenção de uma rígida estrutura desfavorável à continuidade da inovação. Talvez a China tenha sido um exemplo de capacidade de reestruturação, através da introdução do informacionalismo como novo modo de desenvolvimento entre os países do antigo bloco estatista.

Dessa forma, a construção de um novo conjunto de procedimentos para o trabalho humano, em sentido amplo, agora baseado em tecnologia informacional, define a gestação de um novo modo de desenvolvimento. É o mundo capitalista ocidental que gesta essa inovação, que se modifica rapidamente, deixando para trás o bloco do Leste. É esse elemento fundamental, a promoção da produtividade, que vai definir uma mudança no capitalismo ocidental e reconfigurar as interrelações entre os vários elementos que gestaram a emergência de um novo modo de desenvolvimento: o informacional.

No novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Na verdade, conhecimentos e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação. Contudo, o que é específico ao modo informacional de desenvolvimento é a ação de conhecimentos sobre os próprios conhecimentos como principal fonte de produtividade (CASTELLS, 1999, p. 35).

Assim, a sociedade informacional, ao embasar a fonte de produtividade na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento de informação e de comunicação de símbolos, foi capaz de produzir profundas mudanças tecnológicas, reestruturando paradigmas importantes do próprio modo de produção capitalista.

Portanto, o germe da mudança na estrutura fundamental da sociedade ocidental capitalista surgiu, já desde os anos 60

do século passado, de um novo conjunto de técnicas baseadas na informática e no uso intensivo do conhecimento científico. Essas mudanças vêm produzindo um jeito novo de organizar a vida material, as comunicações entre as pessoas, empresas e instituições, as relações de trabalho e lazer; enfim, o uso da tecnologia informacional tem gerado novas formas de compreender o mundo.

É óbvio que a dimensão espacial não ficou isenta desse processo de construção da sociedade informacional. Assistimos, cotidianamente, tanto a utilização de um aparato técnico de base informacional, quanto a constituição e utilização de um novo conjunto de símbolos que reestruturam as comunicações. Estamos mergulhados na utilização de novos instrumentos, desde os brinquedos eletrônicos até os computadores pessoais, o que gera processos extremamente influentes na configuração espacial e na apropriação dos territórios.

Dessa forma, estamos também inseridos nesse atual contexto de rápidas mudanças tecnológicas que impõe desafios, normalmente associados às acelerações do mundo capitalista. Além disso, mudanças históricas estão em curso e estamos vivendo um momento raro de rápidas transformações, nas mais diversas esferas da vida social, no mundo ocidental moderno.

Esse amplo conjunto de mudanças é identificado por Santos (1998) quando discute a globalização, as características do momento atual e as novas possibilidades de organizar o mundo e de entendê-lo enquanto diretamente articulado às técnicas sociais de produção e reprodução.

Também Cebrián (1999) acreditava na efetivação de um amplo conjunto de mudanças, quando afirmava: “A primeira década do século XXI trará mudanças de longo alcance e grandes transformações na economia, na política, na educação, no entretenimento, na sociedade e na situação geopolítica” (p. 13).

Assim, o momento atual é um desses momentos históricos em que a contestação da ordem vigente gera rápidas mudanças. No entanto, não basta afirmarmos que mudanças estão em curso, precisamos entender, de uma forma mais elaborada, qual a natureza dessas mudanças e qual a amplitude de seu alcance.

A estabilidade de uma dada organização social é abalada

por períodos rápidos de mudanças, que preparam o terreno para uma nova forma histórica de organizar o modo predominante de viver e reproduzir. Para SANTOS (1996):

Neste período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional (p. 190).

Também Castells (1999) identifica a gestação de um novo processo, uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias da informação. Para o autor:

No fim do milênio da era cristã, vários acontecimentos de importância histórica têm transformado o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável (p. 21).

Acreditamos existir uma relação entre a identificação de um meio-técnico-científico-informacional e uma sociedade informacional, ou seja, tanto Milton Santos quanto Manuel Castells, a partir de leituras geográfica e sociológica do real, identificam o mesmo processo: a gestação de uma nova sociedade de base informacional.

Assim, nesse momento atual, está sendo construído, como num turbilhão, um amplo conjunto de transformações, que se ramificam por todos os setores da vida social, com fortes rebati-

mentos espaciais, seja do ponto de vista da funcionalidade, seja do ponto de vista dos condicionantes culturais da constituição de representações de base espacial.

Argumentamos que no Brasil a ação do Estado tem impulsionado o processo de informatização e de ampliação do acesso à informática a milhões de brasileiros, seja através de incentivos fiscais que reduzem os preços dos equipamentos, seja através de programas de governo diretamente focados para ampliar o acesso dos brasileiros ao computador e à Internet.

3. A CONSOLIDAÇÃO DAS REDES NA SOCIEDADE INFORMACIONAL BRASILEIRA

É a geração de conhecimentos o elo fundamental para a geração de prosperidade nos próximos anos. Essa nova sociedade, denominada como sociedade do conhecimento ou sociedade informacional, exige o domínio do saber e do saber fazer, elementos cada vez mais importantes para a configuração e uso do aparato tecnológico da produção baseada no informacionalismo.

A técnica e a tecnologia são cada vez mais decisivas. Cada vez mais sociedade e tecnologia se implicam numa complexa relação de condicionamentos múltiplos e são fundamentais na constituição de redes técnicas e sociais.

Com o desenvolvimento dos meios de transferência (transporte, comunicações e transmissão de energia), característica essencial da organização espacial da sociedade moderna – uma sociedade umbilicalmente ligada à evolução da técnica, à aceleração das interligações e movimentação das pessoas, objetos e capitais sobre os territórios -, tem lugar a mudança, associada a rapidez do aumento da densidade e da escala da circulação. Esta é a origem da sociedade em rede (MOREIRA, 2006, p, 159).

Logo, podemos defender que o conjunto de países capitalistas, liderados pelos Estados Unidos da América, estão em

plena marcha rumo à constituição, implementação e solidificação de um novo jeito de organizar a produção material, usando a tecnologia informacional. Isso implica em modificações para a organização da vida cotidiana; para as comunicações entre humanos; para as formas de aprender e aprender fazendo; enfim, para a real constituição de um modo de desenvolvimento.

Nesse contexto, a sociedade ocidental é hoje capitalista informacional, e é esse o projeto hegemônico que tende a se generalizar para o resto do mundo e, mesmo que países como a China, Coréia do Norte ou Cuba continuem existindo como focos de resistência ao capitalismo, certamente não resistirão ao informacionalismo e a intensa articulação em rede.

Defendemos a ideia de que a constituição do modo de desenvolvimento informacionalista provoca uma mudança na sociedade ocidental moderna no que se refere à forma como as pessoas se organizam para viver e como se relacionam entre si. O mundo, hoje articulado em rede, redefine valores, modos de produzir, de experienciar o eu e o outro. Portanto, do ponto de vista conceitual, entendemos por sociedade informacional:

[...] uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e de poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico (CASTELLS, 1999, p. 46).

Tendo o processamento e a transmissão de informações como fontes básicas de poder e produtividade, essa forma de organizar a sociedade é cada vez mais dependente de indivíduos capazes de conhecer cientificamente um amplo conjunto de processos, pois, na base da gestação das ações de processamento está a associação entre ciência, trabalho e tecnologia. É nesse sentido que revisitamos Santos (1998) para afirmar que o mundo global é o mundo da amplificação técnico-científico-informacional em larga escala.

Portanto, estamos diante de um novo patamar, onde as ações articuladas em rede resultam em formas complexas de organização espacial, com capacidade concreta de resolver

problemas cotidianos, de acordo com a conveniência e interesses de certos atores hegemônicos no contexto da sociedade capitalista.

Dessa forma, estudos que foquem o espaço geográfico devem atentar, entre outros aspectos, para a questão das redes, sejam elas técnicas ou sociais e para a intensa articulação entre redes e territórios.

As redes se distribuem espacialmente e espacialmente se diluem, podem ser tangíveis e intangíveis, visíveis e invisíveis, podem ser fluidas e permitir a fluidez. São diferentes em sua horizontalidade e interescalarmente conectadas em sua verticalidade. Tem conexões diretas e indiretas, permanentes e temporárias, fulgazes e com velocidades diferentes. Podem servir ao controle do território distribuindo o poder em sua capilaridade e contribuir para a reorganização do próprio território. São suportadas pelo território e contribuem para a sua estruturação, tem temporalidades próprias e impõem sua temporalidade (SANTANA, 2004, p. 64).

Num contexto de sociedade informacional a constituição de redes utiliza a fluidez gerada pela possibilidade de conectar, em tempo real, vários lugares, utiliza a simultaneidade e instantaneidade a partir de um aparato técnico nunca antes colocado à disposição das pessoas, firmas e instituições que fazem e refazem territórios como lócus do estabelecimento das relações de poder, das normas de uso e das normas de apropriação.

Logo, "(...) ao chegarmos aos dias de hoje, em que a rede do computador é o dado técnico constitutivo dos circuitos, o espaço em rede por fim se evidencia" (MOREIRA, 2006, p. 162). Dessa forma, é indispensável que o geógrafo não negligencie nos seus estudos, tanto o fato do Brasil está inserido nessa sociedade informacional quanto a necessidade de desvelarmos as principais formas de inserção.

A sociedade brasileira é hoje informacional, de sorte que não está mais isenta de repensar suas estruturas e concepções. A inserção das máquinas informáticas, nos vários setores da

vida social é uma realidade, de forma que não podemos mais adiar a discussão desse tema tão importante.

Dada a amplitude da influência dos computadores na vida social contemporânea, pode-se dizer que ninguém tem a opção de ignorá-los. Uma espécie de rolo compressor tecnológico vai abrindo o terreno e toda pessoa se defronta, em algum momento do cotidiano, com questões relativas à sua interação com a informática (CARVALHO, 2000, p. 17).

Se o real se configura de acordo com os argumentos da citação anterior, só nos resta uma alternativa: conviver com as máquinas da sociedade em rede, ou então, adotar um modo de vida diferente, em uma dessas comunidades alternativas, que explodem em todo o planeta, como símbolo da resistência humana à homogeneização do mundo pela tecnologia digital. Nesse aspecto, parece-nos que o segundo caminho é uma espécie de aventura para uma minoria de humanos.

Em sua brutal maioria, e os brasileiros não são exceção, os seres humanos adentram a sociedade informacional e se atolam até onde conseguem com os deleites da modernização: celulares, computadores, carros informatizados, casas informatizadas, etc, de sorte que a vida muda, o ser humano muda e muda, brutalmente, a sociedade e com ela as formas essenciais de organização do espaço, enquanto conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, espaço construído a partir de espaço pré-existente (SANTOS, 1996).

Nesse sentido, é pertinente perguntar: como se insere o Brasil nesse novo mundo da sociedade da informação? Sobre essa indagação cedemos a palavra a Castells (1999) quando afirma:

Nem a China, nem o Brasil serão fundidos no cadinho global do capitalismo informacional, ao continuarem seu caminho desenvolvimentista na alta velocidade do momento. Mas o Japão, tanto quanto a Espanha, a China, o Brasil e os EUA são e serão, ainda mais no futuro, sociedades informacionais, pois os

principais processos de geração de conhecimentos, produtividade econômica, poder político/militar e a comunicação via mídia já estão profundamente transformados pelo paradigma informacional e conectados às redes globais de riqueza, poder e símbolos que funcionam nessa lógica (p. 38).

Então, se estamos imersos, por inteiro, no mundo global da sociedade informacional, devemos questionar como se dá essa inserção, quais são as prioridades, de que forma ocorre a ação do Estado, das empresas, das entidades da sociedade civil organizada e, fundamentalmente, das pessoas e dos grupos sociais específicos. Devemos refletir se a atual forma de inserção do Brasil nessa sociedade informacional serve aos interesses da maioria dos brasileiros ou se existe uma outra possibilidade mais vantajosa e competitiva.

Ora, claro está que a continuidade da marcha brasileira rumo à consolidação de nossa sociedade como uma sociedade informacional passa, antes de tudo, pela ampliação do uso de tecnologia informatizada, principalmente pelo uso de computadores, colocados à disposição do grande público, pelo barateamento do custo dessas máquinas ou a partir de salas ambientes e laboratórios nas instituições públicas, nas escolas de Ensino Fundamental e Médio ou nos infocentros instalados pelo governo federal, por exemplo.

Esse aspecto do barateamento dos computadores já começa a ser pensado como estratégia de governo com a redução de impostos pelo governo federal, que tem significado uma redução do preço, tornando-o mais acessível aos consumidores de uma faixa de renda menor. Esperamos, não simplesmente a disponibilização de máquinas, mas também mecanismos para a educação das pessoas para que elas façam uso adequado da tecnologia da informação.

A sociedade da informação já é uma realidade. O mundo ocidental capitalista tem, cada vez mais, integrado um conjunto de países do qual o Brasil é parte importante, seja em função de seu potencial de mercado consumidor dessas novas tecnologias, seja como país capaz de contribuir para gerá-las.

No entanto, a opção brasileira para inserir-se nessa sociedade capitalista de base informacional tem que ser detalhadamente analisada. Silva (2008) enfatiza as contradições do Brasil quando afirma:

Vejamos um pequeno exemplo: o Brasil é considerado um país imerso na sociedade informacional (Castells, 1999), segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), em 2006, foram 22,1 milhões de usuários da Internet residencial e o país possui o maior tempo médio de navegação em todo o mundo (19h e 30 min). Sem contar com uma infinidade de locais de acesso coletivo, como universidades, escolas, cyber comerciais e terminais públicos e privados; a informatização é uma realidade em vários setores da estrutura empresarial e estatal, de bancos a cartões magnéticos para pagar benefícios dos programas de transferência de renda, mas, conta, ao mesmo tempo, com milhões de pessoas na miséria.

Portanto, no Brasil, construímos uma sociedade desenvolvida do ponto de vista da geração e uso de tecnologia informacional, mas não conseguimos resolver problemas básicos de grande parte da população, como, por exemplo, os clássicos problemas de moradia, transporte e lazer das nossas grandes metrópoles.

Nosso argumento, de que não é o instrumento técnico em si que é capaz de provocar transformações e rupturas, mas a associação entre o instrumento e as regras sociais capazes de fazê-lo funcionar, fica assim ratificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo considerando a grande diversidade e as imensas contradições espaciais do Brasil, não podemos, ao propor analisar o espaço em suas várias escalas e configurações, deixar de considerar que nosso país é capitalista e está imerso na sociedade informacional.

A dimensão da constituição das redes no Brasil influencia a forma como nos comunicamos, como nos deslocamos, como organizamos o trabalho e as ações de lazer, de forma que pensar o espaço é pensar um conjunto amplo de ações articuladas. Não podemos esquecer que mesmo aqueles que consideramos os excluídos dos benefícios da modernidade, tem cada vez mais dificuldade de inserção com a ampliação da informatização, pois ela torna um simples ato de receber um benefício social numa tormenta que coloca frente a frente pessoas e máquinas, cartões digitais e senhas, etc.

Logo, a opção brasileira tem mesmo que ser a de popularização do uso do computador: alfabetizar, por exemplo, já pode ser vinculado ao uso da informática. Não é possível superar os limites da exclusão se não reafirmarmos a necessidade do Estado agir em benefício dos mais pobres. Sem as amplas reformas estruturais, como a agrária, por exemplo, que já pode e deve vir associada ao uso de máquinas no campo, superando a predominância de um aparato tecnológico ainda típico do século XIX.

A análise do espaço, em suas múltiplas dimensões, pode contribuir para o planejamento de ações que superem a lógica da importação de modelos europeus de inserção na sociedade em rede, em favor da construção de alternativa verdadeiramente nossas, que considerem as nossas contradições.

A sociedade em rede pode ser um instrumento de ampliação da solidariedade em detrimento da competição, da repartição em detrimento da super acumulação individual, do zelo pelo meio ambiente e pelas pessoas em favor de um mundo mais justo e menos desigual. Afinal, como já afirmou o professor Milton Santos, nesse mundo devemos lutar “por uma outra globalização”.

DIRECTIONS OF THE INSERTION OF BRAZIL IN THE INFORMATIONAL SOCIETY

ABSTRACT — *This article discusses the influence of the planning and consolidation of the informational society for the organization of the geographic space in a broader sense. It conceptualizes the informational society and*

articulates the idea of space as a system of objects and actions, highlighting Brazil in this context of network society consolidation.

KEY WORDS: *Space, network, informational society.*

REFERÊNCIAS

CARVALHO, P. S. de. *Interação entre humanos e computadores: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEBRIÁN, J. L. *A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1999.

HAESBAERT, R. (Org.). *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói: EdUFF, 2001.

HAESBAERT, R. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2003.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MATTELART, A. *A globalização da comunicação*. Bauru: EDUSC, 2000.

MORATILLA, F. E. *Las políticas de ordenación del territorio y la gestión del agua*. In: *Anais do III Congresso Internacional de Ordenación del Territorio*. Gijón: FUNDICOT (2001).

MOREIRA, R. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTANA, M. R. C. *Redes Técnicas: os avatares geográficos da cidade mediada eletronicamente*. In: SANTOS, J. M. dos; FARIA, M. (Orgs) *Reflexões e construções geográficas contemporâneas*. Salvador, 2004.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: HUCITEC, 2000.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVA, O. A. da. *Gestão do Uso da Água e Reordenação Territorial*

no Processo de Implantação da Barragem e do Distrito de Irrigação de Ponto Novo no Estado da Bahia-Brasil. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2008. (Tese de Doutorado).